

Banqueiros acreditam em novas soluções para negociação da dívida

por Paulo Sotero
de Washington

A decisão do Citicorp de reforçar substancialmente suas reservas contra empréstimos aos países em desenvolvimento, como o Brasil, inaugura uma nova fase na negociação da dívida desses países, na qual os grandes bancos americanos tenderão a resistir com mais vigor aos pedidos de empréstimo de dinheiro novo — disseram ontem vários banqueiros ouvidos por este jornal.

Mas esta rigidez poderá acabar tendo um efeito positivo, abrindo o caminho para a busca de soluções novas para o problema da dívida, acrescentaram eles.

Em Washington, os elogios públicos que funcionários do Departamento do Tesouro e do Federal Reserve fizeram à iniciativa do maior banco privado dos Estados Unidos encobrem, na realidade, a preocupação de que, daqui para diante se crie uma situação em que, banqueiros, de um lado, e governos endividados, de outro, assumam posições cada vez mais rígidas.

"Algum país poderia, simplesmente, decidir pagar para ver e dizer aos bancos: 'Já que vocês aumentaram as reservas, usem-nas e abaixem o 'spread' ou esqueçam tal empréstimo'", disse uma fonte oficial.

Significativamente, as autoridades financeiras da Argentina reagiram mal ao anúncio do Citi. "É natural", explicou um banqueiro.

Independentemente das especulações que se possam fazer, acrescentou, "a montagem do empréstimo (de US\$ 1,95 bilhão) de dinheiro novo que os bancos deram à Argentina será o primeiro teste dos efeitos da decisão do Citi. Alguns bancos grandes podem fi-

car ressentidos com o gesto unilateral do Citi e dar o troco, argumentando que terão de usar sua parcela do empréstimo argentino para reforçar suas reservas contra empréstimos para o Terceiro Mundo".

"De modo geral, o efeito da ação do Citi será fazer com que cada banco passe a atuar por conta própria. A experiência dos bancos suíços mostra que bancos bem capitalizados tendem a seguir seu próprio caminho", lembrou o banqueiro.

ALTERNATIVAS APROPRIADAS

De acordo com o raciocínio deste executivo, o fato de os grandes bancos americanos passarem a adotar posturas mais próximas das que já foram manifestadas por bancos europeus e bancos regionais americanos, em várias negociações, pode, contudo, ter um efeito positivo, a mais longo prazo, fazendo com que cada um deles procure explorar alternativas que sejam mais apropriadas para seus interesses e relações com cada país específico e, dentro de cada país, com cada empresa ou projeto.

"A dívida de Carajás continuará a valer 100 centavos por dólar, independentemente do que os bancos fizerem com suas reservas. Mas isso não acontecerá com a dívida da Usiminas", afirmou um alto executivo de um banco de Nova York, citando o exemplo brasileiro.

Nesse cenário, um banco poderá fazer, por sua conta e risco, um empréstimo para Carajás e, simultaneamente, vender outros créditos a empresas interessadas em convertê-los em investimentos de risco no Brasil.

Capitalização de juros e, num caso extremo, cancelamento de algumas dívidas tornam-se alternativas mais viáveis.